

INTERAÇÃO NA SALA DE AULA: PROBLEMATIZANDO AS ESTRUTURAS DE PARTICIPAÇÃO¹

CLASSROOM INTERACTION: PROBLEMATIZING PARTICIPATION STRUCTURES

Maria Helena Rodrigues Chaves²

Wanne Karolinne Souza de Miranda³

RESUMO: O presente artigo traz uma análise das estruturas de participação em situação de interação em sala de aula, tomando como base o registro de duas aulas em uma escola pública da periferia de Belém do Pará. A pesquisa, de caráter etnográfico, recorre a recortes de interações gravadas, buscando interpretar os papéis desempenhados pelos interlocutores e a dinâmica entre a professora e os alunos. Este estudo está ancorado nos pressupostos da Sociolinguística Interacional – especialmente nos estudos de Goffman sobre *footing* e enquadre – e na concepção bakhtiniana de Dialogismo e Polifonia. A análise evidenciou a presença de diferentes enquadres que, em alguns momentos, se sobrepõem ao enquadre aula e revelam mudanças de *footing*, refletindo o alinhamento assumido pela professora e pelos alunos. Apesar de o discurso da professora predominar, observou-se que sua construção se dá em função da relação estabelecida com os alunos. As estruturas de participação relevam a complexidade do processo de ensino-aprendizagem e que, sob a ótica bakhtiniana, o discurso em sala de aula é sempre atravessado pela multiplicidade de vozes que tornam possível a construção do conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo; Polifonia; Estrutura de participação.

ABSTRACT: This article analyzes the participation structures in the classroom interaction, based on recordings of two classes at a public school on the outskirts of Belém, Pará. The ethnographic research uses excerpts from recorded interactions to interpret the

¹ Este trabalho resulta de pesquisa científica realizada durante o período 2006-2008, na Universidade Federal do Pará, no contexto do curso de Mestrado em Estudos Linguísticos, que resultou na dissertação intitulada “O gênero seminário escolar como objeto de ensino: instrumentos didáticos nas formas do trabalho docente”. Nessa época, ainda não havia exigência de aprovação do Conselho de Ética, nos modos regulamentados pela Resolução 466/2012 MS. Por esse motivo, este trabalho não foi submetido à análise do Conselho de Ética.

² Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras (UFPA). Mestre em Estudos Linguísticos (UFPA). Docente da Universidade Federal do Pará – UFPA (*Campus* de Bragança). Rua Alameda Seis, casa 9 – Conjunto Maguari – Belém/PA. CEP: 66.823-066. E-mail: helenachaves@ufpa.br. Telefone: (91) 98114-5667.

³ Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Letras (UFPA). Mestre em Ensino de Língua Portuguesa e suas Literaturas (UEPA). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá – IFAP (*Campus* Santana). Rua Costa e Silva, nº 2007 – Bairro: Remédio I – Santana/AP – CEP: 68.927-075. E-mail: wanne.stn.ap@outlook.com . Telefone: (96) 98119-7564.

roles played by the interlocutors and the dynamics between the teacher and students. This study is anchored in the assumptions of Interactional Sociolinguistics – especially Goffman's studies on footing and framing – and in Bakhtin's conception of dialogism and polyphony. The analysis revealed the presence of different frames that, at times, overlap with the lesson frame and reveal shifts in footing, reflecting the alignment assumed by the teacher and the students. Although the teacher's discourse predominates, it was observed that the construction is based on the relationship with the students. Participation structures reveal the complexity of the teaching-learning process and that, from a Bakhtinian perspective, classroom discourse is always permeated by a multiplicity of voices that make the construction of knowledge possible.

KEY-WORDS: Dialogism; Polyphony; Structures of participation.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo consiste em uma análise das estruturas de participação e do processo de interação na sala de aula, realizado a partir do registro de duas aulas ministradas em uma escola pública da periferia de Belém do Pará. O fato decisivo para a escolha desse tema está vinculado à prática diariamente vivenciada por nós no desenvolvimento de nossas atividades. Seja como estudantes ou como professoras, fazemos parte da construção da teia do conhecimento e percebemos a complexidade que a envolve. Vemos, portanto, este estudo como um instrumento de observação e reflexão das interações que se desenvolvem no contexto de sala de aula.

Temos o intuito de analisar as ações dos diversos atores que compõem a sala de aula e a estrutura de poder que a envolve, por meio da análise de algumas estruturas de participação dos interlocutores, observando a relação professor-aluno e os discursos veiculados na sala de aula. Buscamos evidenciar, nesse jogo interativo, os diversos papéis desempenhados pelos interactantes, a relação assimétrica desses papéis e sua relação com o domínio da palavra, o jogo da preservação/ameaça das faces e a oscilação entre discurso de sala de aula e discurso ensino/aprendizagem.

Para isso, nos servimos das teorias desenvolvidas pela Análise da Conversação e pela Sociolinguística Interacional, especialmente das noções de *footing* e enquadre, como concebidos por Goffman (1998) e Tannen & Wallat (2002), e as noções de **estruturas de participação em sala de aula**, a partir do enfoque de Silva (2002). Finalmente, como suporte de nossos comentários críticos, nos apoiaremos na teoria do Dialogismo/Polifonia, de Bakhtin (2003).

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Em nossa análise dos dados, ancoramo-nos nos estudos de Goffman (1967; 2002) sobre a interação falada, espaço em que desenvolve o conceito de enquadre como um sinalizador do que dizemos ou fazemos ou como interpretamos o que é dito ou feito. Segundo Goffman (1967), em uma interação face a face o falante está sempre propondo novos enquadres ou se empenhando em mantê-los. Tannen e Wallat (2002) perceberam essa mudança de enquadres como uma espécie de jogo, uma dança em que um enquadre substitui o outro ou sobrepõe-se a ele. Os falantes se movimentam nessa dança alinhando-se a cada novo enquadre posto em cena, ocupando um novo lugar no discurso. É o *footing* tal como proposto por Goffman (1998). *Footing* é movimento discursivo, é dinâmica interativa, é a encarnação de novos papéis pelos falantes.

Essa nova compreensão de interação face a face exige um novo conceito de falante e ouvinte. Goffman (1998) abandona a noção tradicional do dizer e do dito que idealizava a relação falante/ouvinte, valorizando apenas o verbal e ignorando os elementos não-verbais da comunicação e propõe as noções de formato de produção e Estrutura de Participação.

Por formato de produção de uma elocução, o autor compreende os conceitos de falante enquanto autor, animador e responsável pelo discurso. Nesse sentido, conforme a produção do discurso, o falante poderá assumir um desses papéis ou dois ou três simultaneamente. Ou ainda realizar o encaixamento deles, ocorrência que se dá quando fazemos uma citação, por exemplo. A noção de Estrutura de Participação engloba as noções de ouvinte ratificado (endereçado, não-endereçado ou plateia) e de ouvinte não-ratificado ou circunstante.

Nossa leitura tem, por fim, como guia os estudos de Silva (2002) sobre estruturas de participação e interação em sala de aula, em particular a compreensão que propõe a respeito do espaço sala de aula e dos sujeitos do discurso (professor/alunos), os papéis que desempenham e a relação assimétrica que os separa.

2.1 O AMBIENTE DE SALA DE AULA

Silva (2002) compreende a sala de aula como um lugar em que o individual e o social estão em constante luta e em que os professores e os alunos estão permanentemente negociando sentidos. Mas o que o autor ressalta em sua análise são os dois tipos de discurso passíveis de ocorrer nesse espaço: o discurso ensino/aprendizagem e o discurso de sala de aula. O discurso ensino/aprendizagem ocorre quando estar na sala de aula é iniciativa e

vontade de ambos os interactantes. O aluno quer aprender e acredita que o professor pode ensiná-lo; o professor reconhece o aluno como aprendiz e dispõe-se e empenha-se em ensiná-lo. Os dois se reconhecem e se aceitam harmonicamente.

Já o discurso de sala de aula ocorre quando o aluno e/ou o professor se veem obrigados a estar na sala de aula, ainda que por pressão social. A primeira consequência é a ausência total ou parcial do reconhecimento das partes. Não há sintonia e há uma flutuação entre presença e ausência das partes no discurso. É o discurso de sala de aula, mas não é o discurso do aluno e, muitas vezes, também não é o do professor.

2.2 OS SUJEITOS DO DISCURSO E O PROCESSO INTERATIVO

Apoiado no conceito de interação de Geraldi, Silva (2002) chama nossa atenção para o papel (ou papéis) que desempenham os sujeitos do discurso. Quem é o falante e quem é o outro a quem se dirige? Quais são suas intenções? Servem-se de alguma estratégia para compreender ou se fazer compreender? O autor põe em evidência a relação assimétrica que há entre os papéis dos interactantes em sala de aula.

De um lado, há o professor, com seu status social, sua hierarquia endossada pela instituição escolar e outros, seu poder de avaliar, sua autoridade para formar. É o detentor do saber, dos bens culturais. Dele é o poder da e o direito à fala. É ele quem inicia, controla e finaliza o uso da palavra.

Do outro lado, há o aluno. Sem ter o saber, não tem também poder de argumentar. Seu direito é apenas o de aprender aquilo que o professor define como seu objeto de aprendizagem. Seu uso da fala é monitorado pelo professor e geralmente segue o esquema que Kerbrat e Orecchioni (apud Silva 2002) chamam de ‘trocas *sandwich*’ – pergunta do professor - resposta do aluno - avaliação do professor.

Mas pode acontecer dessa sequência ser alterada e o aluno tomar de assalto o turno do professor ou reagir de forma inesperada. Teríamos então um caso de ameaça à face⁴ do outro? Ou uma estrutura ainda não descrita? Nossos dados sinalizam a ocorrência de uma nova estrutura de participação que, talvez, se seguirmos o olhar de Silva, seja melhor argumentada pelo dialogismo bakhtiniano. Ou seja, se compreendermos o contexto de sala de aula como um espaço de embate de uma infinidade de vozes, um espaço em que a interação discursiva reflete e refrata a interação social intra e extraescolar

⁴Empregamos “face”, aqui, como entendido por Galembeck (1997): autoimagem pública que o falante deseja preservar.

3 PROCESSOS METODOLÓGICOS

O estudo em questão consiste em uma pesquisa de natureza etnográfica, de cunho colaborativo, dada a natureza dos objetos visados e a análise qualitativa que efetuamos. Os dados foram constituídos em situação real de sala de aula, por ocasião da aplicação de uma intervenção didática que, por sua vez, visava à produção de uma dissertação de mestrado. As aulas foram filmadas em fitas VHS, nos dias 11/05/2006 e 18/05/2006, e os recortes selecionados, posteriormente, transcritos grafematicamente. No dia 11, filmou-se uma aula de 45 minutos e, no dia 18, uma aula de 90 minutos, com um intervalo de 15 minutos no meio do horário, devido ao intervalo escolar. Por ocasião das filmagens, encontrava-se na sala de aula, além dos alunos e da professora colaboradora, apenas a pesquisadora que acumulou as funções de observadora e *cameraman*.

A análise dos dados foi desenvolvida a partir de três recortes, listados a seguir, cuja seleção obedeceu a dois critérios básicos e cumulativos: a clareza das falas e das imagens tendo em vista a transcrição grafemática e a ilustração de situações de interação e de estruturas de participação distintas.

- Recorte 01: “Origem da palavra crônica”, selecionado da aula do dia 11/05/06;
- Recorte 02: “Discurso de alerta”, primeiro momento da aula de 18/05/06;
- Recorte 03: “TANGO”, parte central da aula de 18/05/06.

Os recortes foram divididos em fragmentos. Neste estudo, optamos por apresentar os fragmentos e, em seguida, interpretá-los. Os dados foram constituídos em uma turma de 1º ano de ensino médio, reconhecidamente heterogênea – nela estudavam senhoras de 50 anos e adolescentes de 14, jovens que já tinham filhos, jovens casados, jovens que trabalhavam, jovens evangélicos e outros que eram membros de gangues. Enfim, uma turma cujos alunos configuravam perfis sociais e etários acentuadamente diferentes.

4 ANÁLISE

Como já informado, anteriormente, selecionamos três recortes que, para facilitar a análise, foram fragmentados em partes. O primeiro recorte versa sobre a origem da palavra crônica e foi dividido em três fragmentos: A, B e C, conforme segue.

Recorte 01: Fragmento A - Origem da palavra Crônica

Turno	Linha	Interactantes	Fala
01	01 02 03	Prof. ^a	() tempo... cronos se você for procurar no dicionário... tá muito relacionado com tempo... quando se fala em tempo, o tempo tem poder de destruir aquilo que ele cria... é ou não é?
02	04	Aluno	é
03	05 06	Prof. ^a	... cês concordam com isso? Que com o tempo as coisas se acabam... o ser humano se acaba com o tempo?

Fonte: Base de dados própria

A produção linguística que se realiza na instituição escolar pressupõe a participação de dois grupos diversos: um que controla a seleção discursiva - o membro com maior poder, que detém o conhecimento - e o outro que vai em busca desse conhecimento. Desse modo, verificamos uma relação de assimetria na interação em sala de aula, uma relação desigual entre os participantes de um evento de fala, o que pode ser relacionado aos papéis desiguais no comando da interação. O Fragmento A, descrito anteriormente, ilustra essa situação interativa.

Com base nesse fragmento, depreendemos que a interação em sala de aula se centraliza na relação professor-aluno. A professora, no papel de ensinante, conduz o processo interativo por meio de perguntas e respostas, sendo a resposta submetida a uma avaliação da professora. A posição exercida pela professora é privilegiada, uma vez que exerce domínio sobre os alunos: cabe a ela a função de iniciar o turno e de dar indicações para encerrá-lo.

Observa-se que há uma sobreposição dos papéis exercidos pela professora: é **animadora**, pois é ela que realiza a atividade física que se traduz por meios sonoros de vocalização; é **principal**, pois as explanações feitas dizem respeito a sua ação interpretativa e comprometimento com o conteúdo veiculado na sala de aula. A professora também é a **responsável** pelos conteúdos que veicula, de onde resulta ser falante **autora** de seu próprio discurso.

Observemos, agora, o formato de produção exemplificado no Fragmento B, a seguir:

Recorte 01: Fragmento B - Origem da palavra Crônica

Turno	Linha	Interactantes	Fala
07	12 13 14	Prof. ^a	(...) outro Deus que é bem mais conhecido que o Deus Cronos ((a professora aponta para o quadro)) ... qual é? ... reconhece? ... reconhece? qual é Cristina?
08	15	Cristina	Zeus
20	47 48	Prof. ^a	Filhos (...) E o zizinho foram quem? ... nome? ((pergunta e aponta com o indicador direito para um aluno)) ... nome Jonathan?
21	49	Jonathan	(Cronos)
22	50	Prof. ^a	Jonathan já sabe... Cronos... no momento em que Réia a (Ops) pariu os

	57		filhos ... ele imediatamente pegava e os devorava
--	----	--	---

Fonte: Base de dados própria

Podemos constatar, no Fragmento B, que os alunos, no papel de aprendizes, constituem exemplos de participantes ratificados endereçados. E quando a professora os chama pelo nome (Cristina/Jonathan), convocando-os a responder à pergunta proposta, tornam-se uma boa ilustração da estrutura de participação do tipo *sandwich*, pergunta-resposta-avaliação. No entanto, pode acontecer de o participante ratificado se limitar ao papel de plateia. É o que acontece em grande parte dos dados transcritos, pois observamos que, assim como havia o reconhecimento do papel da professora, o aluno tinha, também, reconhecido o seu papel.

Analisemos o Fragmento C, apresentado a seguir:

Recorte 01: Fragmento C - Origem da palavra Crônica

Turno	Linha	Interactantes	Fala
32	85	Prof. ^a	... tudo ok?
	86		(...) Esta é uma informação básica pra você conhecer da onde vem o termo
	87		crônica e por que nós estamos pedindo que vocês passem a partir de
	88		agora a produzir ... o quê? ... crônica são crônicas ou seja textos
	89		envolvidos com o tempo de vocês... vocês passem a observar o que
	90		acontece na atualidade de vocês ... vocês passem a questionar criticar se
	91		for o caso de/di parabenizar parabenizar através da produção textual...ok?
	92		nós temos aqui um material ... fessora Helena ((a professora pede
	93		confirmação para a documentadora meneando a cabeça afirmativamente
	94		em direção à documentadora)) ((entrega a cada aluno uma folha de papel))
	95		tá? Pra que vocês tenham conhecimento do projeto... vamos tentar explicar
	96		um pouco esse/desse passo a passo... não vai aprofundar muito hoje.

Fonte: Base de dados própria

No Fragmento C, podemos verificar pelo menos dois enquadres: o enquadre aula, caracterizado pela interação centralizada no conteúdo crônicas, como já foi exemplificado; e o enquadre conversa, quando a professora se dirige à pesquisadora, pedindo consentimento para a entrega de material fotocopiado. Nesse enquadre os alunos passam a exercer um outro papel, o de ouvinte por inadvertência.

Em sequência, interpretamos o Recorte 02 intitulado Discurso de alerta e que transcreve o primeiro momento da aula do dia 18/05, antes do intervalo. Esse recorte é constituído de apenas um fragmento.

Recorte 02: Fragmento A - Discurso de alerta

Turno	Linha	Interactantes	Fala
33	96	Prof. ^a	antes de começar efetivamente o trabalho... eu tenho que falar algo que se
	97		eu não falar dá impressão que eu deixei de ser a pessoa... (...) cês falam
	98		tanto em dignidade em valorização num foi? E se deparam com jovens da
	99		nossa turma envolvidos com coisas tão pequenas tão banais e essa coisa

			pequena essa banalidade pode resultar no quê? ... no quê?
34	100	Aluno/a	numa morte
35	101 102 103 104 105 106 107	Prof. ^a	numa morte ... ma mORte né? Numa mor-te porque todo mundo sabe do que eu tô falando ... tá? (...) coisa aconteça tá? acho é muito triste perceber que o jovem... é muito triste né? Critica somente a postura dos pais os pais são caretas os pais não entendem os jovens o jovem não permite ser moldado pelo pai... mas esse jovem não ouve o pai não ouve a mãe e prefere ser moldado por alguém da idade dele e o/esse alguém da idade dele ou até um pouquinho mais velho não tem a mesma preocupação que os pais têm porque quando o pai fala a mãe fala ele quer o quê? ele quer o quê?
36	108	Aluna/o	o bem
37	109 110 111 112 113 114	Prof. ^a	o bem e essa pessoa que te dá o exemplo pra você seguir ta pouco ligando o que você o que vai acontecer com você o que você vai se tornar... tá?(...) ... esse modelo é um modelo ruim... você só vai entender isso quando tiver lá na frente ta? () o que se fala na televisão? ...por que não houve educação não é? O cara que hoje é um grande criminoso porque não teve oportunidade de estudar... te pergunto tu que ta aqui na escola ... por que tá fazendo isso? ... é falta de oportunidade? hein?
38	147	Aluno/a	não...
39	148	Prof. ^a	((A professora balança a cabeça negativamente)) tá? então pra começar nossa aula...

Fonte: Base de dados própria

No Recorte 02, Fragmento A, a professora deixa evidente a relação assimétrica por meio da postura que ocupa em sala de aula, que é uma postura de superioridade, detentora do poder e do conhecimento. Por meio dessa postura, ela manifesta sua opinião sobre um fato ocorrido e, ao mesmo tempo, ameaça a face dos alunos, expressando sua discordância quanto à atitude e ao comportamento deles diante de um evento extraclasse ocorrido no dia anterior na escola.

Um outro aspecto observado, neste recorte, é a sobreposição de papéis da professora que, ao mesmo tempo em que orienta para um determinado caminho, expressa seu ponto de vista. No desempenho desses papéis, ela, em momento algum, dá espaço para os alunos emitirem suas opiniões sobre o fato ocorrido. As perguntas feitas por ela, que poderiam pressupor uma certa convocação dos alunos, são apenas recursos retóricos, pois todas são direcionadas a uma mesma e determinada resposta, e conduzem à continuação de seu discurso, como podemos constatar nos turnos de fala (de alunos) 34, 36 e 38.

Quanto ao papel de falante, desempenhado pela professora, verificamos que ela é a única autora responsável pelo discurso, e que se reveste da posição estabelecida pela função social que desempenha, naquele contexto, para agir dessa maneira. Não há a convocação dos alunos a compartilharem da conversa, eles figuram apenas como platéia, pois não são

chamados à participação direta. Em nenhum momento contestam a opinião dela e ainda sinalizam por meio de expressões curtas a concordância com o discurso da professora.

Segundo Tannen e Wallat (2002), o Recorte 02 representaria uma mudança de enquadre e, conseqüentemente, a de *footing*, no final do discurso da professora, quando ela encerra o seu discurso de alerta e anuncia o início da aula, como podemos notar na linha 148.

Analisemos, agora, os movimentos interacionais centrais da aula de 18/05, a partir do Recorte 3, intitulado “TANGO”. Esse recorte está dividido em dois fragmentos, A e B.

Recorte 03: Fragmento A - TANGO

Linha	Interactante	Fala
150	Prof. ^a	[[olhando e lendo o texto projetado na parede]] “Mariazinha ... de Tranças ... Zé dos Sapatos Lustrosos” verifique que aGOra quando a Mariazinha acabou com o como TONHInho ela ficou de um lado num é? E ele ... o Toninho ficou do outro num é?
151		
152		
153	Alunos	é
154	Alunos	é
155	Prof. ^a	agora quando a Mariazinha acabou de se/ envolveu-se ou de dançar com o ZÉ ... parece que ela ficou o quê?
156		
157	Alunos	(incompreensível)
158	Alunos	(afastada)
159	Prof. ^a	afasTAda? Mas afastada ta BOM?
160	Alunos	(incompreensível)
161	Alunos	(incompreensível)
162	Prof. ^a	ela tava o quê?
163	Alba	(separada)
164	Prof. ^a	sepaRAda?
165	Alba	distante distante também
166	Prof. ^a	ela ficou no meio? ... ah ela ficou entre os dois?
167	Alunos	sim
168	Prof. ^a	num é ela ficou diviDida?
169	Alunos	(incompreensível)
170	Prof. ^a	NÃO?
171	Alunos	(incompreensível)
172	Aluno*	não
173	Prof. ^a	Ah/e olha o filme gente atenção aí olha só
174	Alunos	(incompreensível)
175	Alunos	(incompreensível) [[a professora troca o slide]]
176	Alunos	Sua vagabunda [[alunos falam baixo entre si ao mesmo tempo]]
177	Prof. ^a	“Sua vagaBUNDA! CÊ pensou que ia me enganar?” Quem foi que falou isso foi TONINHO?
178		
179	Alunos	não
180	Aluno*	Zé dos Sapatos Lustrosos
181	Prof. ^a	Por que será que ele fez isso?
182	Aluno*	mais intimidade com ela [[os alunos comentam entre si ao mesmo tempo]]
183	Prof. ^a	vocês observaram a linguagem? ...observaram a linguagem?
184	Alba	Ele baixou a linguagem dele (incompreensível)
185	Prof. ^a	Hein?
186	Alba	Ele baixou a linguagem dele
187	Prof. ^a	olha... o Zé abaixou a linguagem dele diz a dona Alba... o resto concorda com ela? [[todos falam ao mesmo tempo / a professora troca o slide]] então atenção olha gente o Zé chegou olha só sua vagaBUNDA! Ce pensou que ia me enganar? Peixeira [[bate palma uma vez para atrair a atenção dos alunos]] que foi que o Zé fez? [[bate palmas mais uma vez]]
188		
189		
190		
191		
192	Alunos	(incompreensível)

193	Aluno*	Ele vendeu o peixe (incompreensível)
194	Prof. ^a	Peixeira ... atenção [[a professora muda o slide e fica procurando posicioná-lo melhor
195		no retroprojeto. Os alunos acompanham o movimento do texto no quadro branco
196		sempre comentando muito entre si e rindo]]
197	Alunos	(incompreensível) mas gente (incompreensível)
198		(incompreensível) mato ela
199		ele mato a Mariazinha [[rindo]]

Fonte: Base de dados própria

O que nos chamou a atenção, nesse terceiro recorte, foi a configuração de uma nova situação de interação em sala de aula. A professora está finalizando a leitura do poema TANGO, de Dirceu Leal (1973) num processo de **encaixamento** dos papéis de autora e de animadora do discurso. À medida em que vai comentando o texto, procura interagir com os alunos, convocando-os para a aula. A partir de um certo momento (l. 157) os alunos começam a conversar muito entre si, falam baixo, produzindo um zum-zum-zum incompreensível. A professora tenta manter o enquadre da aula (l. 159, 162, 164, 166, 168, 170 etc.) do fragmento A, mas só a aluna Alba, a princípio, e depois o aluno Marcelo atendem à sua convocação. Os demais alunos escapam para outro enquadre.

A primeira interpretação que se poderia fazer seria a de que não estaria havendo interação entre a professora e os alunos, de que os alunos não estariam interessados na aula, não estariam prestando atenção ao que a professora falava e estariam em conversas paralelas sobre outros assuntos. Nossa análise pretende evidenciar que provavelmente não é isso que ocorre. Há interação, sim, entretanto, para percebê-la, faz-se necessário o conhecimento de um dado contextual de suma importância.

No dia 17 de maio, véspera da aula ilustrada pelo recorte, a escola se viu cenário de um confronto de *gangues*. A razão do conflito teria sido o fato de a namorada de um rapaz, membro de uma *ganga*, ter dançado/se relacionado com outro rapaz, membro de outra *ganga*. Nota: o triângulo amoroso é formado por alunos da escola e um dos rapazes estava matriculado na turma em questão. Embora raramente assistisse a alguma aula, mantinha relações de coleguismo com os outros alunos. Além dele, apenas mais dois alunos dessa turma frequentavam a mesma *ganga*, entretanto, devido ao conflito, a turma toda tomou o partido do colega, alinhou-se em sua defesa. Era sobre esse assunto o discurso preocupado da professora no início da aula, ilustrado no segundo recorte transcrito.

Nossa hipótese sobre o que ocorre no recorte que ora analisamos, é de que os alunos mantêm em estado de espera o enquadre da aula e sobrepõem a ele o enquadre da vida real. O poema, que tematiza um crime passionai, aciona o evento extraescolar e eles deslocam-se do papel de alunos para o papel de colegas, comentam o fato entre si a partir do sentido proposto

pelo poema, mas não parecem concordar com a leitura proposta pela professora, pois riem o tempo todo do drama da personagem vítima.

As linhas 176, 197, 198 e 199 evidenciam que os alunos, embora não atendam à convocação da professora, parecem estar em sintonia com o assunto desde o início da aula. Há interação com o assunto, mas paradoxalmente, há também a neutralização ou isolamento da professora, os alunos a mantêm em estado de espera. É um jogo interessante porque são os alunos agora que, de fato, manipulam o tempo e as trocas conversacionais na sala de aula. É deles o controle da interação discursiva. A assimetria se mantém, mas com quem estaria o poder?

Essa oscilação entre a presença e a ausência dos alunos no discurso ensino/aprendizagem se repete em outros momentos do recorte, como podemos observar no fragmento B do recorte 3, transcrito a seguir.

Recorte 03: Fragmento B - TANGO

Linha	Interactantes	Fala
205 206	Prof. ^a	Maria de Tranças bom num sei se dá pra todo mundo visualizar mas o nome dela tá dentro do quê?
207	Alunos	uma cruz
208	Alunos	uma cruz
209 210	Prof. ^a	Peixeira né? Antes de peixeira “sua vagaBUNDA cê pensou que ia me enganar? ... pexeira” ... Mariazinha de TRANÇAS?
211	Alunos	morreu... morreu
212	Prof. ^a	Zé dos Sapatos Lustrosos tá [onde agora?
213	Alunos	na cadeia
214	Alba	tá preso
215	Alunos	[[comentários e risos]]
216	Alunos	(incompreensível)
217 218 219	Prof. ^a	A beleza do texto ela me dá atenção gente ó o texto tá neste livro ((a professora abre o livro e começa a mostrar o poema enquanto vai explicando) ... é interessante porque você percebe u/uma cor... em todos os slides e que cor predomina?
220	Aluno	cinza
221	Prof. ^a	qual é a cor que predomina?
222	Aluno	rosinha
223	Marcelo	roxo rosinha e avermelhado
224	Prof. ^a	rosinha e avermelhado que poderia representar o que hein gente?
225	Aluno*	Matrix
226	Marcelo	(incompreensível)
227	Prof. ^a	hein?
228	Marcelo	(incompreensível)
229	Aluno*	(incompreensível)
230 231	Prof. ^a	SANGue olha só um psiu percebam que começa com tango nè? ... e qui vem ... faz uAAA ... descrição né isso?
232	Marcelo	isso
233	Prof. ^a	É próprio da crônica a descrição?
234	Alba	É próprio da crônica [[tom baixo]]
235 236 237	Prof. ^a	E aqui teve a intenção de guiar pra um herói? ... Teve?... Quem foi o herói?... [[conversas]] quem foi o herói?... Ahn?... O herói foi o cronista? ... Sim gente vamos LÁ?... [[conversas]] vamos lá?
238	Aluno*	A peixeira

239	Prof. ^a	Num teve um herói?... Mariazinha di/... [[alunos falam ao mesmo tempo]] OK?... (incompreensível) vamos organizar um pouco a ... Mariazinha deixou de ser herói porque ela morreu? Deixou de ser uma heroína porque ela morreu?
242	Alunos	não
243	Alunos	não
244	Prof. ^a	Não? (incompreensível) fica bem claro né? que ele coloca dois elementos que em determinada situação estavam juntos quem é esses dois elementos? ZÉ-dos-SA-PATOS-LUSTROSOS e quem? ... Mariazinha de Tranças [[pronuncia rapidamente]]
247	Alunos	Mariazinha de Tranças
248	Prof. ^a	O fato dele colocar a Mariazinha de Tranças e lá dá dá re/referência ao personagem de que forma? Que referência ele faz pra Mariazinha? Ele dá doçura pro nome dela?
250	Alba	dá
251	Alunos	dá
252	Prof. ^a	Ele dá doçura pro nome Dela?
253	Marcelo	dá
254	Prof. ^a	Marcelo fale lá! ... ah, deixem o Marcelo se propor a falar porque eu quero ouvir e ele não responde... por causa das tranças? Então se eu te disser MariaZINHade Tranças né? E a palavra Zé do Sapatos Lustrosos tem algum teor de doçura nesse termo?
257	Alba	não
258	Prof. ^a	dá que impressão pra vocês? Zé dos Sapatos Lustrosos [[vozes]]
259	Marcelo	de vilão
260	Prof. ^a	de vilão?
261	Alba	É
262	Marcelo	coisa bruta

Fonte: Base de dados própria

As linhas 205, 206, 207 e 208 poderiam confirmar essa hipótese. Sinalizam o retorno dos alunos ao enquadre da aula e ao lugar de alunos. A interação com a professora se recompõe, os alunos parecem estar em perfeita sintonia com o assunto o que prova que o tempo todo eles a mantiveram sob guarda em conformidade com seus interesses ou necessidades imediatas.

Paralelamente a esse jogo de enquadres e *footings*, realiza-se um outro, entre a professora e o aluno identificado com um asterisco (l. 225, 229 e 238). Nós o interpretamos como um caso de perda de reconhecimento das partes. As respostas do aluno sinalizam que ele não reconhece, naquele momento, a professora enquanto professora, razão pela qual recusa-se a aderir ao discurso ensino/aprendizagem; a professora, por seu lado não o reconhece como aluno, daí utilizar-se de polidez para ignorar suas respostas.

Analisemos, no quadro 01, a seguir, as falas de Aluno*:

Quadro 01: Falas de Aluno*

Linha	Interactante	Fala
172	Aluno*	não
180	Aluno*	Zé dos Sapatos Lustrosos
182	Aluno*	Mais intimidade com ela [[os alunos comentam entre si ao mesmo tempo]]
193	Aluno*	Ele vendeu o peixe (incompreensível)
225	Aluno*	Matrix
238	Aluno*	A peixeira

Fonte: Base de dados própria

O discurso mantido por A*, entretanto, pode sinalizar uma resistência consciente e intencional do aluno à proposta discursiva da professora, declarada desde o início da aula e a demarcação do lugar enunciativo que ele (ou eles) faz(em) questão de demonstrar que ocupa(m) em relação ao evento que havia ocorrido no dia anterior. Essa possibilidade ganha mais força se olharmos novamente os Recortes 02 e 03 e confrontarmos a postura aparentemente calada dos alunos no Recorte 02, com a postura declaradamente falante no Recorte 03.

Já na superfície das transcrições, podemos perceber essa discrepância. Mesmo sem lê-los, podemos perceber, no recorte 2, a presença dominante ou absoluta do monólogo, enquanto, no recorte 3, é evidente a presença de várias vozes que se cruzam, se chocam, se complementam. Inclusive a voz dos personagens do poema que ganham vida, autonomia, discurso próprio e interagem com os diversos **outros** em cena.

Entretanto, o silêncio dos alunos, em 2, não significa, necessariamente, ausência de interação e tampouco anuência com o discurso da professora. No mínimo, pode sinalizar, entre outros, uma estratégia de preservação da própria face. Afinal, não podemos esquecer que havia uma filmadora registrando a aula.

Em 3, por outro lado, os alunos conversam, mas em voz baixa e quase todos ao mesmo tempo o que os protege, pois dificulta a captação ou a compreensão de suas falas. Só quando interagem com a professora, elevam o volume da voz.

O conflito social extraescolar invade a sala de aula e, em 2, se faz a voz mais audível no discurso da professora; já, em 3, é por meio da fala dos alunos que esse conflito se faz ouvir. De repente, tornou-se praticamente impossível separar os dois mundos.

Quadro 02: Perfis silencioso e falante

RECORTE 02		RECORTE 03	
P	antes de começar efetivamente o trabalho... eu tenho que falar algo que se eu não falar dá impressão que eu deixei de ser a pessoa... (...) cês falam tanto em dignidade em valorização num foi? E se deparam com jovens da nossa turma envolvidos com coisas tão pequenas tão banais e essa coisa pequena essa banalidade pode resultar no quê? ... no quê?	P	“Mariazinha ... de Tranças ... Zé dos Sapatos Lustrosos” verifique que aGOra quando a Mariazinha acabou com o como TONHInho ela ficou de um lado num é? E ele ... o Toninho ficou do outro num é?
A	numa morte	A	é
P	numa morte ... ma mORte né? Numa mor-te porque todo mundo sabe do que eu tô falando ... ta? (...) coisa aconteça tá? acho é muito triste perceber que o jovem... é muito triste né? Critica somente a postura dos pais os pais são caretas os pais não entendem os jovens o jovem não permite ser moldado pelo pai... mas esse jovem não ouve o pai não ouve a mãe e prefere ser moldado por alguém da idade dele e o/esse alguém da idade dele ou até um pouquinho mais	P	agora quando a Mariazinha acabou de se/ envolveu-se ou de dançar com o ZÉ ... parece que ela ficou o quê?
		A	(incompreensível)
		A	(afastada)
		P	afasTAda? Mas afastada ta BOM?
		A	(incompreensível)
		P	ela tava o quê?
		A	(separada)
		P	sepaRAda?
		A	distante distante também
		P	ela ficou no meio? ah ela ficou entre os dois?

	velho não tem a mesma preocupação que os pais têm porque quando o pai fala a mãe fala ele quer o quê? ele quer o quê?	A	sim
A	o bem	P	num é ela ficou diviDida?
P	o bem e essa pessoa que te dá o exemplo pra você seguir ta pouco ligando o que você o que vai acontecer com você o que você vai se tornar... tá?(...) ... esse modelo é um modelo ruim... você só vai entender isso quando tiver lá na frente ta? () o que se fala na televisão? ...por que não houve educação não é? O cara que hoje é um grande criminoso porque não teve oportunidade de estudar... te pergunto tu que ta aqui na escola ... por que tá fazendo isso? ... é falta de oportunidade? hein?	A	(incompreensível)
A	não...	P	NÃO?
P	((A professora balança a cabeça negativamente)) tá? então pra começar nossa aula...	A	(incompreensível)
		A*	não
		P	Ah/e olha o filme gente atenção aí olha só
		A	(incompreensível)
		A	() [[a professora troca o slide]]
		A	Sua vagabunda [[falam ao mesmo tempo]]
		P	“Sua vagaBUNDA! CÊ pensou que ia me enganar?” Quem foi que falou isso foi TONINHO?
		A	não
		A*	Zé dos Sapatos Lustrosos
		P	Por que será que ele fez isso?
		A*	mais intimidade com ela [[os alunos comentam entre si ao mesmo tempo]]
		P	vocês observaram a linguagem? ...observaram a linguagem?
		A	Ele baixou a linguagem dele (.)
		P	Hein?
		A	Ele baixou a linguagem dele
		P	olha... o Zé abaixou a linguagem dele diz a dona Alba... o resto concorda com ela? [[todos falam ao mesmo tempo]] então atenção olha gente o Zé chegou olha só sua vagaBUNDA! Ce pensou que ia me enganar? Peixeira [[bate palma uma vez]] que foi que o Zé fez? [[bate palmas mais uma vez]]
		A	(incompreensível)
		A*	Ele vendeu o peixe (incompreensível)
		P	Peixeira ... atenção [[Os alunos acompanham o movimento do texto no quadro branco sempre comentando muito entre si e rindo]]
		A	(incompreensível) mas gente ()
		A	(incompreensível) mato ela
		A	ele mato a Mariazinha [[rindo]]

Fonte: Base de dados própria

Tudo indica que a ausência de interação professora/alunos é só aparente, pois a professora sabia sobre o que os alunos comentavam e é provável que já esperasse aquela reação. Entretanto, como num teatro, representa o seu papel na trama até o fim, quando, então, reassume o comando da cena. Mas, até que ponto podemos afirmar que a professora perdeu, de fato, o comando da interação? Talvez isso nem tenha acontecido e a professora, todo o tempo tenha mantido o comando da interação e intencionalmente e camufladamente relaxado o controle para que os alunos pudessem discutir o assunto mais espontaneamente; talvez, os alunos tenham concluído que já haviam marcado seu lugar no discurso e **decidido devolver** o comando à professora.

Afinal, quem são de fato os parceiros do discurso em uma sala de aula? Quantas identidades interagem, mascaradas, na função de professor? E na de aluno? Quais são os limites, as fronteiras entre o ambiente de sala de aula e o da vida extraescolar? Entre o discurso ensino/aprendizagem e o discurso de sala de aula? Seria uma mera questão de alinhamento de papéis?

A nossa observação dos dados e a nossa experiência profissional sugerem que há bem mais complexidade nestas questões do que um olhar desatento poderia perceber. Nossa percepção da sala de aula compreende esse ambiente como um espaço dialógico amplo, um lugar de confronto das diversas vozes e das diversas identidades que se revelam nos enunciados concretos que são produzidos. Como, aliás são todos os “diversos campos da comunicação humana” no dizer de Bakhtin (2003). Bezerra (2005, p. 192) nos esclarece que, no pensamento bakhtiniano, o monologismo se caracteriza pelo homem reificado, reduzido a “coisa, a mero reproduzidor de papéis”, produto do Capitalismo e da luta de classes. E continua:

a passagem do monologismo para o dialogismo, que tem na polifonia sua forma suprema, equivale à libertação do indivíduo, que, de escravo mudo da consciência do autor, se torna sujeito de sua própria consciência. O “homem no homem” não é uma coisa, um objeto silencioso; é outro sujeito, outro “eu” investido de iguais direitos no diálogo interativo com os demais falantes, outro eu a quem cabe auto-revelar-se livremente (Bezerra, 2005, p. 193).

Na sala de aula, parece-nos que essa luta polifônica se pretende mais consciente e mais consistente. Todos os **outros** que estão à sombra do **eu** em ação permanecem em estado de alerta e entram em cena ao primeiro sinal de ameaça.

Enfim, não temos de forma alguma a pretensão de esgotar os fenômenos interacionais presentes nos recortes selecionados. Certamente muitos deles nem foram comentados: casos de preservação e ameaça das faces, de polidez positiva e ou negativa, de estratégias de participação etc. Intencionamos tão somente propor para o debate acadêmico nossa leitura dessas estruturas de participação que, a nosso ver, se configuram pelo rompimento das fronteiras entre ambiente de sala de aula e ambiente extraescolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, observamos e analisamos o comportamento de algumas estruturas que se fazem presentes no contexto interacional da sala de aula. Identificamos diferentes enquadres que, algumas vezes, se sobrepõem ao enquadre aula e que refletem, também, mudança de *footing*, ou seja, mudança no alinhamento que os interactantes, no caso específico, professor e alunos, estabelecem para si e para os outros naquela situação.

Ainda que tenhamos verificado que, no contexto analisado, predomine o discurso da professora, este se constrói sempre em função dos dois interlocutores daquela situação: professora e alunos, cada um desempenhando papéis sociais específicos nessa interação. Nos

três recortes analisados, observamos diferenças nos discursos produzidos e nas relações estabelecidas em sala de aula: nos recortes 1 e 2, parece que apenas a professora é produtora do discurso, a interação entre eles é quase inexistente, embora em alguns momentos, haja a participação dos alunos; enquanto que no recorte 3, esta situação é diferente, pois neste, alunos e professora polemizam essa relação de simetria em sala de aula.

Procuramos, enfim, conhecer e mostrar algumas estruturas de participação presentes na sala de aula. No entanto, ainda há um longo caminho a ser percorrido, no que se refere a essas estruturas, sobretudo se pautarmos nossa análise em uma perspectiva bakhtiniana de interação, observando os discursos produzidos em sala de aula sob a ótica do dialogismo e da polifonia. Estas dimensões certamente estão presentes nos diversos enquadres e alinhamentos gerados no contexto de sala de aula, pois são as diferentes vozes que promovem a interação professor-aluno. Embora elas nem sempre sejam tão evidentes ou explícitas, é a partir delas que se constrói o discurso e simultaneamente acontece o processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN. **Estética da criação verbal**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2003.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. *In*: Brait (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo-SP: Contexto, 2005.

GOFFMAN, Erving. Footing. *In*: Branca T. RIBEIRO & Pedro M. GARCEZ (orgs.) **Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso**. Porto Alegre, RS: Editora AGE, 1998.

GOFFMAN, Erving. **Interaction Ritual** – Essays on face-to-face behavior. Doubleday & Company, Inc., 1967.

SILVA, Luiz Antônio da. Estrutura de participação e interação na sala de aula. *In*: PRETI (org.). **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP, 2002.

TANNEN, Deborah & WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplo de um exame/ consulta médica. *In*: Branca Telles RIBEIRO & Pedro M. GARCEZ (orgs.). **Sociolinguística Interacional: Humanística**. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2002 (Nova edição, revista e ampliada).